

ENTREVISTA – COOPALIMA



1. EDIFÍCIO DA COOPERATIVA

A COOPALIMA, Cooperativa Agrícola dos Agricultores do Vale do Lima, foi constituída em 1977, perfazendo este ano 43 anos de existência.

Sediada num amplo edifício com uma área de 4.500 m², num espaço periurbano de localização privilegiada na cidade de Ponte de Lima, a Cooperativa tem por objeto principal efetivar quaisquer que sejam os meios e as técnicas por ela utilizadas, as operações respeitantes à natureza dos produtos provenientes das explorações dos Cooperadores e a prestação de serviços diversos.

A sua área de intervenção é constituída por todo o concelho de Ponte de Lima e encontra-se estruturada em 4 secções: “compra e venda”, “contabilidade”, “sanidade animal” e “produção de leite”.

A secção de compra e venda comercializa todos os produtos e equipamentos direta e indiretamente relacionados

com as explorações agrícolas, onde se incluem também os combustíveis, a secção de produção de leite, dedica-se à recolha, concentração e distribuição do leite, inseminação

FICHA INFORMATIVA

[NOME]

COOPALIMA – Cooperativa Agrícola dos Agricultores do Vale do Lima

[CONTACTOS]

Rua da Feitosa Nº 1722
4990-175 Feitosa – Ponte de Lima
PORTUGAL
Telefone: +351 258 900 000
Fax: +351 258 900 007
Email: gestao@coopalima.pt

artificial e contraste lacto-manteigueiro, a secção de contabilidade, efetua o levantamento técnico-económico e apoio à contabilidade das explorações, a secção de sanidade animal, onde a Cooperativa possui o posto de atendimento SNIRA (Sistema Nacional de Informação e Registo Animal), presta apoio nas doenças infectocontagiosas dos bovinos e pequenos ruminantes e doenças parasitárias da espécie bovina e nas restantes questões relacionadas com a sanidade animal.

Paralelamente, a Cooperativa desenvolve um apoio técnico em todas as áreas que os associados solicitem, nomeadamente na elaboração e preenchimento de candidaturas de apoio ao rendimento dos produtores, no aconselhamento agrícola, na formação profissional, entre outras. Atualmente a COOPALIMA possui 20 colaboradores, e presta apoio a cerca de 1.200 associados.

Entrevista com Carlos Lago, Presidente do Conselho de Administração da COOPALIMA



2. CARLOS LAGO - PRESIDENTE

A Cooperativa, foi constituída há 43 anos, possuindo um enraizamento sólido na região. Como descreve e avalia o papel económico e social desta instituição na sua área social?

A Cooperativa desempenha um papel de enorme importância para os agricultores do concelho. A variedade de serviços que prestamos permite apoiá-los minimizando todas as dificuldades que eles teriam caso a Cooperativa não existisse. É um papel vital para a existência de todos os nossos produtores do concelho, com o devido impacto económico e social na região.

Além de todo o apoio que prestamos através dos nossos serviços, a Cooperativa representa um papel fundamental, ao nível da estabilização de preços dos fatores de produção. Se não fosse a COOPALIMA, os fatores de produção na região não seriam disponibilizados nas condições em que o são, porque os preços subiriam. A COOPALIMA, através da sua ação, é a entidade que impede que tal aconteça, para benefício de todos os seus produtores, atuando claramente como um regulador do mercado nesta área.

A cooperativa não tem como objetivo o lucro, mas sim a sua sustentabilidade, trabalhando sempre em prol dos seus associados, da melhoria das suas condições de vida e das condições em que desenvolvem a sua atividade e esse é um fator muito diferenciador.

Que secções a Cooperativa possui atualmente e que serviços coloca à disposição de todos os associados?

Atualmente a Cooperativa possui 4 secções. A secção leiteira, que tem o objetivo de apoiar as explorações leiteiras e a valorização do leite produzido, bem como a resolução dos problemas relacionados com a produção. Dentro desta secção temos a parte do leite propriamente dito e ainda o serviço de inseminação artificial e de contraste leiteiro.

A secção de compra e venda em que disponibilizamos todo o tipo de fatores de produção que são necessários ao desenvolvimento da atividade dos nossos associados, desde combustíveis, medicamentos, rações, ferramentas, entre outros. Possuímos a secção de contabilidade, através da qual todos os associados que estejam interessados poderão usufruir deste serviço. É um serviço que tem crescido nos últimos anos devido às exigências relacionadas com a fiscalidade agrícola. Temos ainda a secção de ADS/OPP, que possui, no concelho, toda a responsabilidade relacionada com a sanidade animal, em termos de efetivos bovinos, ovinos e caprinos.

Além disso, temos ainda o serviço de aconselhamento agrícola, da formação profissional, do SNIRA e possuímos técnicos especializados nas diversas áreas que prestam um apoio permanente a todos os nossos associados.

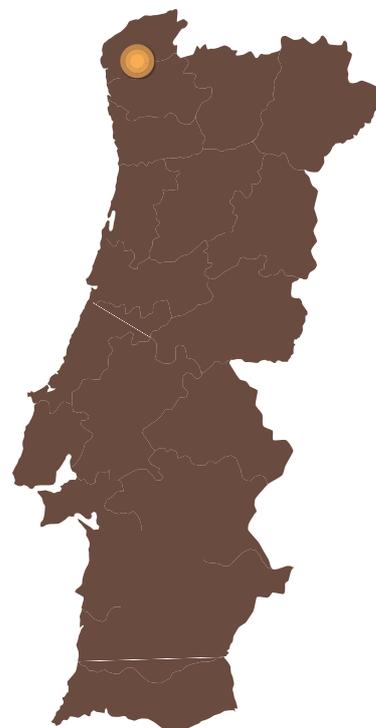
Num contexto em que as exigências são cada vez maiores, torna-se ainda mais relevante para os nossos produtores todo este apoio diário.

Como avalia o estado atual das atividades que a Cooperativa representa?

Neste momento, o concelho de Ponte de Lima possui duas áreas com um crescimento bastante forte na produção leiteira e na vitivinicultura.

A produção leiteira está com bastante força, é uma área em crescimento que se encontra apenas condicionada pelos limites à produção. Existem bons produtores nesta área, alguns são jovens agricultores, o que significa que as explorações têm tido continuidade, algo ótimo para a região e para a atividade. Na área da bovinicultura e da vitivinicultura prestamos todo o apoio técnico ao longo de todo o processo produtivo. Existe ainda a horticultura, a floricultura e outras atividades, mas em pequena escala. Uma das minhas preocupações é

PORTUGAL CONTINENTAL



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES





3. EDIFÍCIO DA COOPERATIVA



4. FARMÁCIA DE MEDICAMENTOS VETERINÁRIOS

que possuímos muitos pequenos produtores, onde eu denoto algum abandono da atividade. É uma preocupação que tem vindo a agravar-se desde que as pessoas tiveram que se coletar a nível fiscal. Foi um grande choque porque, independentemente de dispensa da segurança social, as pessoas têm medo, são pessoas humildes, já com idades avançadas, que tinham nesta atividade a sua fisioterapia, mas com o medo de poderem perder as pequenas reformas e apoios que têm abandonam a atividade. Era importante que os governantes refletissem numa medida que permitisse simplificar esta situação e sei que a CONFAGRI tem-se batido por isso. Estes agricultores são aqueles que além de manterem uma pequena atividade importante para a economia local, mantêm igualmente as nossas paisagens bonitas, principalmente nos concelhos rurais como é o nosso, com óbvios impactos muito importantes também no turismo. Ninguém se desloca para ver mato e silvas. É fundamental que se analise esta medida porque os impactos são transversais e mais profundos do que se possa julgar.

Quais têm sido as grandes prioridades da Cooperativa e gostaria de perspetivar um pouco os objetivos futuros da Instituição?

A grande preocupação deste Conselho de Administração tem sido sempre a sustentabilidade desta organização. Temos de dar passos certos e seguros,



5. SECÇÃO DE COMPRA E VENDA

sempre a pensar no futuro e na sustentabilidade financeira da instituição. Na base de todas as decisões está sempre o melhoramento dos serviços, a preocupação constante em ir de encontro às necessidades dos nossos associados, a minimização da burocracia que eles têm no seu dia-a-dia, alavancando sempre tudo o que sejam melhorias para o nosso associado. Temos de estar sempre na linha da frente.

Que avaliação faz do PDR 2020 e da sua aplicação?

O PDR 2020 permitiu investir em Ponte de Lima cerca de 9 milhões de euros, manifestamente insuficiente, em meu entender, para as necessidades e o potencial da região. As duas grandes áreas onde este investimento foi feito, na sua grande maioria, foram a vitivinicultura e a bovinicultura. Revelou-se um instrumento de apoio ainda muito lento, burocrático e pouco flexível, tornando-o pouco atrativo. Estas características do programa, muitas das vezes, desmotivaram alguns produtores interessados em investir. Deve ser repensada uma forma mais ágil e menos burocrática para que as pessoas se sintam atraídas a investir e a apostar nas atividades.

Para além disso, julgo que, quando falamos em sectores com excesso de produção, como é o caso da produção de leite, as linhas de apoio criadas para estas atividades nunca deveriam ter como exigência o aumento do efetivo pecuário. Existem outras áreas na exploração que podem melhorar a rentabilidade da mesma, sem ser por via do aumento do efetivo. Quando estamos limitados em termos de produção não faz qualquer sentido impor esses critérios como condição para aprovar este tipo de projetos.

O Programa VITIS, por exemplo, foi uma das medidas mais concretas e adaptadas à realidade que se criou, e que funciona. Teve uma implementação boa, correta, com efeitos práticos no terreno e na rentabilidade das explorações e dos seus

produtores. Falta essa objetividade que se conseguiu com o VITIS. Trata-se, no fundo, de copiar aquilo que é bom.

Em seu entender, o que seria importante no que respeita à aplicação da PAC em Portugal no Pós 2020?

Relativamente a este assunto espero que não se pense em desligar os apoios da produção em determinados sectores de atividade. Em meu entender, foi um erro proceder ao desligamento de uma série de ajudas à produção. Atribuir apoios a quem não produz, não faz qualquer sentido. Os apoios devem ser atribuídos a quem produz e devemos lutar para que isso seja assim. No dia em que desligarmos os apoios de algumas produções do País, as pessoas vão deixar de produzir, com todos os problemas que isso acarreta em termos económicos e sociais. Será uma destruição dos nossos sectores produtivos. No futuro estas situações devem ser acauteladas e devem ser criadas ferramentas que permitam não desligar da produção os apoios que recebemos.

Estamos atualmente a viver um contexto de Pandemia que afetou transversalmente diversos sectores de atividade. Como avalia a importância do sector agrícola neste contexto e que medidas seriam importantes em termos de futuro?

O sector agrícola foi um sector prioritário a quem foi pedido para produzir e que desempenhou um papel fundamental neste

período. No entanto, gostaria que a agricultura não tivesse importância apenas nas crises e que se percebesse e fomentasse o desenvolvimento do sector agrícola, que é fundamental para a economia nacional, como ficou patente nesta situação de pandemia. Não nos podemos lembrar da agricultura só quando se precisa, sejam os políticos, a grande distribuição e até mesmo os consumidores. O raciocínio é elementar, quando há crises temos sectores fundamentais, então temos que manter esses sectores e fomentá-los. Temos de pensar neles em termos estratégicos, da importância que têm e do papel que podem desempenhar na economia.

Bastava que se melhorassem os negócios entre a distribuição e a produção nacional. Neste período, houve uma ligação maior entre as pessoas e os produtores e algumas pessoas vão manter a ligação entre o consumidor e o produtor, mas acho que a grande distribuição já se esqueceu disso.

Para além disso, gostaria de referir que este período, além de mostrar que a produção agrícola é fundamental para manter as populações e fornecer os bens essenciais à sua subsistência, mostrou também que, mesmo com o aumento de produção que se verificou, a poluição diminuiu substancialmente. Julgo que constitui um bom motivo de reflexão para todos aqueles críticos que apontavam a agricultura e os animais como grandes focos de poluição ambiental.

Paralelamente à atividade agrícola, o sector cooperativo tem desempenhado um papel fundamental em termos económicos e sociais. Julga que o reconhecimento por esse papel existe?

Em meu entender, esse reconhecimento a nível nacional não tem sido dado ao sector cooperativo. A nível local, no nosso caso, esse reconhecimento existe. Uma das formas mais evidentes que eu vejo que esse reconhecimento não é dado tem a ver com o facto de a CONFAGRI, e como tal o sector Cooperativo, não estar representada no Conselho de Concertação Social. Temos que lutar por isso porque é um lugar onde deveríamos estar por direito.

Para além disso, ao nível da definição das estratégias e dos programas de apoio deveriam existir instrumentos específicos para o sector cooperativo. O País só se desenvolve com o sector cooperativo. Somos muito pequenos em termos de dimensão e só o sector cooperativo é que nos faz unir e sermos mais fortes.

Como avalia a relação da Cooperativa com a CONFAGRI?

A relação da Cooperativa com a CONFAGRI é excelente. Ao longo de todos estes anos em que estou à frente desta Instituição sempre tive na CONFAGRI uma ajuda e colaboração excelentes. Posso mesmo afirmar que o crescimento dos nossos serviços, de ano para ano, tem sido possível devido à colaboração da CONFAGRI. Desde o Conselho de Administração até todo o grupo técnico sempre senti o carinho, a proximidade e o apoio para que elevássemos o nosso nível de atendimento aos nossos associados e para que pudéssemos crescer.

Que mensagem gostaria de deixar a todos os associados e população de uma maneira geral?

Gostaria de deixar, acima de tudo, uma mensagem de confiança, de disponibilidade da COOPALIMA para ajudar em tudo o que é possível e de sustentabilidade financeira e económica, que estará sempre presente enquanto estivermos a dirigir os destinos desta instituição. Enquanto sentirmos que os associados confiam em nós, também confiaremos neles e lutaremos por eles até ao limite das nossas forças. Lutemos em conjunto por melhores dias, pois o futuro, com uma luta saudável, será certamente melhor. ●



6. ENCONTRO ANUAL DA CONFAGRI - ENTREGA DE PRÉMIO À COOPALIMA PELO TRABALHO DESENVOLVIDO EM 2019